

O seu interesse pela lingüística não o deixou alheio a outros campos de estudos, notadamente a história e a etnologia. Seu nome esteve muito ligado aos estudos históricos, quer como sócio e presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, quer como pesquisador. Seria oportuno referir que, em função de seu ideal de perfeição, deixou de concretizar um dos seus mais ambiciosos projetos intelectuais: escrever a primeira história econômica da Bahia. Para tal desiderato, confessou-me ter reunido importante acervo documental, que às suas expensas, mandara pesquisar em variados arquivos portugueses. Vários motivos impediram-no de concluir este projeto, até a sua morte. Com relação à etnologia, pretendemos ressaltar o profundo amor que Edelweiss nutria pelos estudos atinentes a essa área de estudos. Tal amor revelou-se bem cedo, nos anos de sua juventude, seja nas primícias de seus estudos sobre o idioma guarani, hauridos dos ensinamentos do Pe. Teschauer, seja nas preferências pela aquisição de livros dos primeiros cronistas e inumeráveis viajantes estrangeiros, que percorreram o País, legando-nos preciosas informações sobre a terra e o povo do Brasil. E, se outras, obrigações jamais permitiram-no dedicar-se às pesquisas de campo é preciso que em duas oportunidades demonstrou não ser infenso a tais atividades, haja vista as visitas que fez aos Karirí de Mirandela e à população cabocla do litoral de Olivença. Este relativo desinteresse por trabalhos de campo, decorria talvez de sua manifesta inclinação para o estudo de gabinete, como confirma a paciência beneditina a que se impôs, ao versar grandes temas da gramática Tupi, muitos dos quais ainda inéditos, e que se constituem em importantes contribuições ao especialíssimo campo de estudo das línguas indígenas do Brasil.

O falecimento de Frederico Edelweiss representou por todos os títulos, o desaparecimento de uma das mais expressivas figuras da comunidade científica brasileira, e que todavia permanece viva na rica biblioteca que conseguiu formar durante todos os anos de sua vida, com obras raríssimas. Que o *Centro de Estudos Baianos*, órgão suplementar da Universidade Federal da Bahia, a quem cabe zelar e manter viva, íntegra e inalienável a *Biblioteca Frederico Edelweiss*, possa um dia, tal como ocorreu com o seu formador e patrono, prestar os inestimáveis serviços que dele espera a comunidade intelectual da Bahia e do Brasil.

Consuelo Pondé de Sena
Centro de Estudos Baianos da UFBA.

*

EDUARDO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO

1921-1976

Faleceu no Rio de Janeiro em 26 de agosto de 1976 o antropólogo Eduardo Galvão. Este prematuro acontecimento consternou a todos, constituindo-se em irre-

parável perda para a antropologia nacional, não apenas por ser Dr. Galvão um homem de ciência, mas sobretudo porque o seu jeito simples e direto tornara-o uma figura ímpar, de trajetória singular.

Os estudos primário e secundário realizou-os no Rio de Janeiro, onde nasceu em 25 de janeiro de 1921. A orientação para a antropologia principia em 1939 quando é aceito como estagiário pela Divisão de Antropologia do Museu Nacional, onde posteriormente ocupa o cargo de Naturalista-Auxiliar e, em 1945, é nomeado como Naturalista. Nesta instituição faz curso de Etnologia Geral com o Prof. Charles Wagley a quem futuramente irá acompanhar em inúmeras viagens e de quem tornar-se-á grande amigo e colaborador. Na Associação Brasileira de Educação segue curso ministrado pelo Prof. Artur Ramos, freqüentando simultaneamente a Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayete, onde gradua-se em Geografia e História no ano de 1946.

Integrado na equipe de antropologia do Museu Nacional, obtém apoio institucional e Bolsa de assistência do governo dos Estados Unidos, país para onde se dirige em 1947 com o intuito de realizar na Universidade de Colúmbia estudos de pós-graduação. Esta viagem é conturbada por veto governamental que lhe proibia a saída, efetivada apenas quando Eduardo Galvão já se encontrava no exterior, colocando-o num impasse. Sua decisão é imediata e firme: opta por um aprimoramento de seus conhecimentos científicos em detrimento de uma situação material estável. Desta forma permanece nos Estados Unidos, onde em 1952 obtém o grau de Doutor em Filosofia com tese sobre a vida religiosa de uma comunidade amazônica, publicada em português sob o título — “Santos e Visagens”.

Ao desligar-se definitivamente do Museu Nacional em 1952, inicia novo e diversificado trajeto que o conduzirá ao Serviço de Proteção aos Índios como chefe da Seção de Orientação e Assistência; ao Museu Paraense Emílio Goeldi onde chefia a Divisão de Antropologia (1955); à Universidade do Pará como professor (1957-58); à coordenação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, onde foi um dos professores pioneiros (1963-64); à coordenação do Centro de Estudos Sociais e Culturais da Amazônia em Belém (1968-73) e novamente à direção da Divisão de Antropologia do Museu Goeldi, em cujo cargo veio a falecer.

De sua intensa e fecunda atividade científica originaram-se mais de quarenta trabalhos, entre boletins, monografias e artigos publicados em periódicos e coletâneas. Em todos eles encontra-se a simplicidade e adequação do seu estilo pessoal, despojado de trechos pedantes. Dentre os numerosos escritos ressaltam-se os estudos etnológicos sobre os índios do Xingu; os sobre mudança cultural na região do Rio Negro, e outros sobre grupos de língua Tupi, seu inicial foco de interesse. Dentre os mais conhecidos situam-se o “Áreas culturais indígenas do Brasil”, o citado “Santos e Visagens” e “The Tenetehara Indians of Brasil”.

O Dr. Galvão ao falecer deixou uma parte perene tradição de pesquisas etnológicas, consideradas como uma das mais importantes contribuições à antropologia brasileira. Paralelamente, ficou entre nós que o conhecíamos a sua grande dimensão humana, ex-

pressa em aguçada sensibilidade que não se voltava apenas para objetos do conhecimento, mas sobretudo para a percepção do valor e significado existencial de cada pessoa.

L. H. van Velthem
Museu Paraense "Emílio Goeldi".

*

JOSÉ LOUREIRO FERNANDES

1903-1977

Nasceu em 1903 e faleceu em 16 de fevereiro de 1977, em Curitiba, o Prof. José Loureiro Fernandes. Depois de cursar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual se formou em 1928, exerceu a profissão de médico em sua cidade natal, atividade em que pôs à prova e revelou seu genuíno espírito humanitário e também sua personalidade de católico e convicto liberal. Provedor da Santa Casa de Misericórdia, se dedicou à prática da caridade, atendendo com especial desvelo aos enfermos mais necessitados.

Empreendedor e sempre dinâmico, destacou-se, além disso, em sua vida de cientista e de professor, de intelectual e de homem público. Para dar idéia de sua projeção no cenário cultural e político de seu Estado, basta dizer que foi, entre outras coisas, Secretário da Educação e Cultura do Paraná, Vereador da Câmara Municipal de Curitiba, Catedrático fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Diretor do Museu Paranaense, criador e diretor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná e um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes de Curitiba.

Como antropólogo, se destacou no cenário estadual não só pelas pesquisas científicas que realizou e que resultaram em contribuições notáveis para a ciência, como também pelo denodo com que lutou a favor do índio brasileiro e da preservação de suas tradições culturais e de monumentos arqueológicos. E foi sobretudo no Museu Paranaense que encontrou campo propício para intensa atividade no sentido de dar impulso decisivo no desenvolvimento das Ciências Humanas no Paraná. Convidado pelo Governo do Estado, assumiu em 1936 a direção administrativa do Museu, nele introduzindo uma série de reformas estruturais com vistas a maior eficiência administrativa e a uma coordenação profícua de empreendimentos culturais e científicos. Fundou os *Arquivos do Museu Paranaense*, órgão de publicação anual destinado à divulgação de trabalhos de pesquisa. De 1958 a 1959, foi Presidente da Associação Brasileira de Antropologia e durante muitos anos fez parte de seu Conselho Científico. Durante sua gestão, organizou e presidiu a IV Reunião Brasileira de Antropologia, que se realizou em Curitiba de 15 a 18 de julho de 1959. A partir de 1963 dedicou-se, com grande empenho e constante entusiasmo, à montagem e ao desenvolvimento do Museu de Arqueologia e Artes Populares, em Paranaguá. Dirigiu-o até 1976.